

MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE SOROCABA (II).

CAPÍTULO II.

BANDEIRISMO, 1661-1733.

O térmo da vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Povoamento do mesmo em conjunto com o povoado ou sede. Datas e sesmarias. Terras reijúnas e de São Bento. O rocio, Caminhos e procedência dos novos povoadores. Dos bandeirantes fundadores e moradores origina-se o nôvo centro de bandeirismo fora da vila de São Paulo, sòmente comparável a Itú, Parnaíba e Taubaté. Vozes do Oeste, 1684-1733. Gado vacum e cavalar de Curitiba. Minas do Paranapanema, têrmo de Sorocaba. Dois governadores em visita e Cuiabá e Vila Bela de Mato Grosso. A guerra dos paiaguás. O comerciante Cabral Camelo. Escravos negros.

*

* * *

Não se usava o nome de município, nem sede do mesmo, mas sim, têrmo da vila. Em Portugal e no Brasil havia poucas povoações com o título da cidade. Não era, no entanto, o tamanho a causa da diferença. Nas capitánias os donatários podiam sòmente criar vilas. Salvador e Rio de Janeiro já foram fundadas porém com o título de cidade. São Paulo já era a cabeça da capitania desde 1681, mas o Rei a elevou a cidade apenas em 1711, e não houve outra antes do Império. Em suma, tendo governador posto pelo Rei, sendo ao menos sede de bispado, era cidade, menos Cabo Frio que não se encaixa nesta motivação. Mas os direitos dos moradores eram os mesmos.

Ao desmembrar-se de outro um município decretam-se os limites. Não aconteceu assim nos tempos coloniais. Ora, as respectivas Câmara litigavam e consertavam-se entre si mais ou menos dividindo pela metade a distância entre as sedes, ora os juízes ouvidores intervinham.

Do concêrto entre Parnaíba e Sorocaba não ficou documento, mas houve-o. Como se sabe que São Roque, contemporâneo

de Sorocaba, continuou como freguesia pertencendo ao termo de Parnaíba, e como os limites tendem a conservar-se e os de Itú eram quase os atuais, temos a continuação das serras de São Francisco, Inhaíba e Piragibú com um pequeno avanço para o Apotribú, e a linha que desce ao Cajurú e sobe do divisor das águas com o Tietê no Avecuia, daí ao Sorocaba em Bacaetava. Tudo o mais era o sertão indeterminado a oeste e ao sul, desde a foz do Sorocaba no Tietê até os campos de Curitiba. Em 1721, o ouvidor José Pires Pardiniu fixou a divisa entre Sorocaba e Curitiba pelo Itararé. Parece que por acôrdo tácito e sem resultado prático as cumiadas da Paranapiacaba eram divisa com o litoral, isto é, Itanhaém e Iguape, mas por esse lado o caminho acabava na fazenda dos Madureira, quase à vista da vila e Apereatuba (hoje reprêsa da Light).

O alto Sorocaba e seus formadores, Sorocauçú e Sorocamirim, hoje município de Ibiúna, foi povoado mais tarde, via Cotia e São Roque.

*

Em 1665 afixou-se em Itú o seguinte cartel (edital):

“Os officiais da Câmara da vila de Nossa Senhora da Ponte fazem saber a todos os moradores da vila de Nossa Senhora da Candelária de Itú que tiverem cartas de datas de terras na dita vila ou no termo dela que dentro de seis meses vão cultivá-las e medi-las, porque estão chegando muitos moradores para lhes darem terras que estão devolutas. E para que venha à notícia de todos fazemos esta advertência, para que em tempo algum se chamem à ignorância. Feita em Câmara, aos 19 de dezembro de 1665”.

Não se sabe com que direito a Câmara dava terras, ela que não possuía rocio ainda em 1706 e depois.

Interpretou que só a ela competia dar as terras dentro do povoado, doutra forma não existiria a vila, avançando dentro dos terrenos de São Bento, o que, aliás, iniciara Baltazar em 1661. As datas eram de 15 e de 20 braças em quadra. Como não havia meio de vida mais comum que a lavoura, muito dos donos dessas datas recebiam outras, certamente para lavrar, nas proximidades, em terras não doadas em sesmaria e que eram imensas nos campos. Aí criavam o gadinho no campo comum aproveitando os capões de mato para as roças. Os pobres quando cansavam os solos dos capões mudavam-se, tinham casas de pouco valor. Muitos melhoravam de finanças e tiravam ses-

marias ou compravam pedaços delas, os únicos títulos válidos. Fêz-se como se existisse rocio (uma légua em quadra), o morador pagando fôra módico e podendo até vender o direito ao fôro, avaliando as benfeitorias.

*

Logo após a morte do fundador, a Câmara invadiu o matrimônio beneditino. Frei Anselmo se aboletava na sacristia ou nalguma casa e o povo ia dando esmolas para a igreja e convento, mas os padres não começavam as obras, de mêdo de perderem as terras. Então Frei Francisco da Visitação, abade Provincial geral da Bahia, fêz a viagem de São Paulo ou Parnaíba a Sorocaba e falou mansamente com os homens, redigindo, porém, o seu requerimento em regra contra a invasão. Em vez de recorrerem à justiça do Ouvidor, a Câmara sossegou os padres dando-lhes uma área para o convento, isto é, um terreno, nomeadamente um pasto. Tal doação lembra só um lado das divisas e os matos que a bem dizer, chegavam até a igreja. Em última análise, da cruz de Nossa Senhora da Ponte da Religião de São Bento partiam as linhas para o Lageado e o Supirirí, mais ou menos rua Padre Luís hoje. O abade obrigou-se a começar o convento com as esmolas dos moradores e, feitas quatro ou cinco celas, a pôr no convento um ou dois padres (fora os outros) para dar aulas de latim e cantochão a todos os filhos dos moradores desta vida que quisessem estudar uma e outra coisa.

*

Além de alguns ituanos e novos paraibanos, vieram povoadores das cercanias de São Paulo, Santo Amaro e Cotia passando por São Roque, capela da Penha, Apereatuba e rio Sorocaba na fazenda de São Francisco, então Nossa Senhora do Pópulo. A capela da Penha em 1724 foi reconstruída e pertencia aos Domingues. Por aí deve ter vindo João Antunes Maciel, o Velho. Cêrca de 1680 já tinha feito a viagem de Paranaguá a Curitiba e aos campos vizinhos procurando ouro. Sua sesmária foi justamente na estrada de Curitiba antes do rio Sarapuí. Em 1693 o convento de São Bento tirou a sesmária junto a essa, além do Sarapuí, “no caminho de Curitiba”. Esse caminho, pois, é de antes de 1693 e foi sendo ladeado por sesmarias até mesmo Curitiba.

*

Não houve um empreiteiro dessa estrada. No campo limpo não se fazia. Nas matas junto aos passos dos rios os fazendeiros e os peões vão fazendo picadas cada vez que passavam e o gado afirmava, pisoteando o chão da mesma. Nos rios, nadavam a gente o gado ou paravam a construir canoas.

O caminho começava no largo de São Bento saindo pela atual rua 13 de Maio até a Penha. Cêrca de 1717 saiu dêle o ramal para as Minas de Paranapanema e Apiaí, que pertenciam a Sorocaba. O caminho para as fazendas jesuíticas de Guareí e Botucatú, têrmo de Sorocaba, passava por Ipanema e Tatuí atual. Eram extensas sesmarias para criação de gado. No Paiol e em Tatuí estavam os peões dos Campos Bicudo, de Itú. Mais perto, rio Sorocaba abaixo, no comêço dos 1700 aparecem como sesmeiros Antônio Antunes Maciel e Fernão de Almeida Leme, êste de São Sebastião.

Há um caminho entre Itú e Sorocaba, atravessando o Piragibú mais acima, saindo no Varejão. Chega de São Paulo em 1695 e se estabelece nas alturas da Aparecida atual o sargentom João Martins Claro. Ao mesmo tempo, na vila se estabelece o capitão Tomás de Lara de Almeida, homem rico, negociante e lavrador. Negociante era ainda em 1724, Antônio Rodrigues Penteadó, gente de Araçariguana.

Ao velho Pascoal Moreira Cabral, sucede no Itapeva, Matias de Madureira Calheiros.

Dos portuguezes era o primeiro, talvez negociante, Domingos Fernandes do Rêgo, natural de Viana.

Gabriel de la Penha e sua mulher, Catarina de Mendonça logo morreram, mas ficou Gregório de la Penha casado com Catarina de Gusmão, filhos de castelhanos, talvez do Guará. Gregório foi escrivão muitos anos.

O aumento da população exigiu a continuação da rua Direita (Dr. Braguinha) até a rua das Flôres e a abertura desta que inda não havia (monsieur João Soares). Em 1695 foi aberta a rua de Diogo Domingues Vidigal, que pode ser a da Penha até a atual Miranda Azevedo. A estrada que ia da praça do Conselho à ponte tornou-se rua. Em 1728 a última casa era já abaixo da altura onde estão os canhõesinhos.

*

Os fundadores e os primeiros moradores foram sertanistas e bandeirantes pelo fato de virem de povoados a esta região, a mais ocidental da capitania, abrindo caminhos e fundando sítios. Nem todos iam ao sertão do oeste e sudoeste

caçar índios, mas todos viviam sob o ciclo econômico das bandeiras, porque sem os índios capturados e seus descendentes não havia fazendas e sítios maiores que dão vida aos pequenos comerciantes e artesãos da cidade e agregados da roça, nem entrava algum dinheiro amoedado para a circulação pois infelizmente, o escravo era também vendido para fora. Custava 20 mil réis por cabeça. O algodão era para consumo local, como os mantimentos. Sobrava pouco gado *vacum* para tanger para São Paulo e Parnaíba, onde Guilherme Pompeu, o pai e o filho, compravam para revender.

Antes de 1680 eram sertanistas caçadores de índios, por exemplo, Braz Teves e seu sógro, o primeiro Pascoal Moreira Cabral. Com os índios já cristãos e mansos caçavam-se outros: eram os “arcos” dos “potentados”. Os Moreira e Domingues, os Pais, André de Zunega, nasceram nessa lida, na qual se enterraram até o pescoço.

O áuge do bandeirismo sorocabano ou sua marcha para o oeste situa-se entre 1680, quando João Antunes Maciel criou nos campos do Pirapora a sua sede ou ninho de águias, com os filhos já meninos, e Pascoal Moreira Cabral e André de Zunega e Braz Mendes Pais se habituam a ir anualmente, pelo rio Tietê ou pelo Paranapanema na ida, sempre por este caminho e na volta ao atual sul de Mato Grosso, onde pelo menos em 1684 fizeram uma estacada e espécie de pôsto de comando, com as suas roças. Da bandeira de 1684 de Pascoal Moreira, o 2.º, e André de Zunega, Ettore Marangone fez a reconstituição da partida. André já era bem velho.

Consequimos confirmar, com os livros de batismos de “carijós, escravos e administrados” as pesquisas mandadas fazer pelo saudoso e grande Taunay em Simancas, bem como a crônica de Pedro Taques. Em dezembro de 1684, janeiro e fevereiro de 1685 foram batizados índios adultos do sertão aos magotes. Os proprietários maiores eram aquêles dois, mas havia outros nomes de sorocabanos que ou foram ou mandaram seus índios ir, entrando no rateio geral.

Devemos salientar João Leme da Silva (não o célebre) filho de Braz Teves, que batizou 19 adultos. Este foi pessoalmente com o primo Pascoal, pois continuou a bandeirar e em 1726 faleceu feito minerador no Paranapanema, donde trouxeram seus ossos a enterrar na matriz.

Braz Mendes Pais era o chefe da bandeira com a qual, naquele arraial da Vacaria matogrossense, se passou em ano não sabido o episódio pitoresco narrado por Pedro Taques.

Os castelhanos da Assunção cercaram os paulistas e sem lutas, obtiveram do “cabo da bandeira” a assinatura em um papel dizendo que aquelas terras eram da corôa de Espanha. Pedro Leme da Silva, o Torto (caôlho), natural de Itú, reclamou em alta voz que eram de El-Rei de Portugal e da capitania do Conde de Mousanto. O castelhano zombou: — *Miren el tuerto!* E êle retrucou: — *E coxo também.*

O Torto era filho de Domingos Leme da Silva e primeira mulher, o qual veio casar pela segunda vez em Sorocaba em 1679 com uma neta de Baltazar e foi pai dos irmãos Leme, bisnetos do Fundador. E’ dado como morador em Itú, mas Braz Mendes veio de Santo Amaro e residia em Sorocaba, onde era juiz ordinário em 1721 e faleceu pobre em 17... Acontece que a caçada não era aos milhares e centenas e, sim, às dezenas, tudo ficava em despêsas e muito custava para sustentar e vestir a família do tipo patriarcal, que compreendia os índios.

A maioria dos sertanistas ficou anônima como aquêle Domingos Nogueira, português casado com Clara Domingues, cujos ossos trouxeram do sertão a enterrar em novembro de 1681. Em 1683 vieram os de João Pinto.

Eis os resultados em números, da bandeira de 1684.

Cap. André de Zunega,	56
Cap. Martim Garcia Lumbria,	35
Diogo Domingues de Faria	31
Diversos, cêrca de	40

162

Em 1685, 1686 e 1687 chegaram poucos à pia batismal. Houve um intervalo. Recomeça com Braz Mendes Pais e principalmente Braz Moreira, em 1692. Ora, êste bandeirante já em 1690 estava no arraial e como em 1691 êle já chegara a Sorocaba, como se vê na publicação **Inventários e Testamentos**. Segue-se que a doutrinação precedia de alguns meses o batismo. Não obstante era precária. O padre Belchior de Pontes rebatizou alguns administrados de Manuel Pereira Pavão, que o foram pelo vigário em 1684, na sua fazenda de Apotribú, cemo segundo espôso de Potência de Abreu, viúva de Bejarano, fato êste das bodas, aliás, desconhecido dos genealogistas, mas está no inventário dela. O padre Belchior repetiu êsse gesto noutros lugares, segundo o autor de sua vida, porque achava

mal instruídos os índios, cuja língua falava. Cêrca de 1690 um sacerdote bilíngüe cuidava dêles em Sorocaba.

Êsse Diogo Domingues de Faria, quando môço, andou pela Bahia em 1658. Chegando de lá a São Paulo veio estabelecer-se em Sorocaba, onde faleceu em 1690. Era natural de São Paulo, filho de Amaro Domingues e Catarina Ribeira, casado com Maria Pais, mudara-se com os filhos que aqui se casaram.

Jerônimo Ferraz de Araújo, natural de Cotia, filho de Manuel Ferraz de Araújo e Verônica Dias Leite, aqui se casou em 1681 com Maria Riquelme de Gusmão, filha de André de Zunega e Cecília de Abreu.

Em 1690 foi com seu irmão Antônio, com os ituanos Manuel de Campos Bicudo e Gabriel Antunes de Campos e outros, Tietê abaixo até o arraial referido atrás e que ficava no Mboteteí ou Miranda, afluente do Pardo, onde deixaram as canoas e atravessaram o rio Praguai (talvez descendo pelo Taquarí ainda em canoas) rumo a Santa Cruz de la Sierra, para escravizar os índios chiquitos, que estavam sob os cuidados dos jesuítas. Êstes, os índios e os soldados castelhanos destroçaram a bandeira, morrendo o chefe Manuel de Frias Taveira e Antônio Ferraz de Araújo. Jerônimo ainda tornou a Sorocaba, foi juiz ordinário e faleceu em 1737.

Nos anos de 1680-1690, mais ou menos, Manuel Correia, morador de Sorocaba, encontrou o primeiro ouro de Goiás, pequena quantidade de que mandou fazer uma coroinha para a imagem de Nossa Senhora do Pilar em São Bento.

Desde que foi constatado ouro em Minas pelos taubateanos, os de Sorocaba, embora no ciclo da caça ao índio, tentaram fazer bandeiras sòmente de mineração ou com ambos os intuitos. As primeiras, na região além do Paranapanema. Assim é que em 1699 estavam nos campos de Curitiba, Pascoal Moreira Cabral, o segundo, que não assinava Leme e Miguel Sutil de Oliveira, daí nascendo as Lavras de Santa Cruz ou do Sutil. As segundas, no atual Estado de Mato Grosso.

Essa expedição de 1699 fôra resultado das instâncias de Artur de Meneses, governador do Rio em visita a Sorocaba. Não se realizou a expedição autorizada por êle, do paulistano Gaspar de Godói Colaço, com perdão pelo assassinio de Fernão de Camargo, o Tigre. Era coisa própria de sorocabanos... Êstes pediram ainda ao Rei licença para fundar uma vila na Vacaria. Veio resposta negativa, por mêdo dos castelhanos.

Os sorocabanos não estiveram ausentes dos primórdios de Minas. Tôda a gente ia para lá. Por 1703 acabam os batismos

de índios adultos e os livros de registros para os brancos são ávaros de assentamentos. Mas foram anônimamente e nem brilharam por lá, feudo taubateano que era. Menos o cel. João Antunes Maciel, que foi em 1711 o primeiro juiz municipal de São João del Rei e que, na nebulosa guerra dos Emboabas, 1709, estivera ao lado dos reinóis. Era o segundo do mesmo nome, mas o primeira certamente andou por lá, pois não era homem para morrer no seu leito, no lar. Retirou-se aí por 1717 e, com êle, alguns dos irmãos que teriam ido.

Fernão Dias Falcão, parnaibano, morador em Sorocaba, também foi fundador e autoridade nas Minas, em Pitangui, 1715. Diz Carvalho Franco que de Minas é que êle saiu para Cuiabá! Não. Voltou à terra, era juiz em 1717. Com Antônio Antunes Maciel e muitos outros desceram o Tietê mais ou menos junto com Pascoal Moreira Cabral, que levava 50 homens brancos fora os índios, chegou em 1718 ao Coxipó, foi eleito cabo maior em novembro de 1719.

Pascoal Moreira Cabral teria partido também pouco depois de 1715 quando seu nome desaparece dos livros paroquiais. Em abril de 1718 encontra o ouro no Coxipó. A amostra veio ao Conde de Assuman, que o fêz guarda-mor, pôsto em que o confirmou Rodrigo César de Meneses, que não atendeu à sua pretensão de ser o superintendente, pela idade, no que foi mais uma vez suplantado por Falcão. Faleceu com setenta anos em 1.º de novembro de 1724, e jaz em Cuiabá na atual catedral. Em Sorocaba ficaram a mulher, duas filhas e um filho homônimo sem aproveitar as riquezas que o grande bandeirante deu a Portugal.

Os Antunes Maciéis eram seis: o pai João Antunes Maciel, e os filhos João, Antônio, Gabriel, Miguel e Filipe, todos sertanistas notáveis que ajudaram a fundar Mato Grosso de hoje. Nessa empresa brilharam os sorocabanos e ituanos, mas os primeiros parece terem tido a sorte ou dom da liderança. A primeira menção empreendida das atividades dos sorocabanos pelos rios abaixo é a do "Santuário Mariano".

E' difícil dizer os nomes dos dois ou três irmãos que nasceram aqui, por não haver assentos de batismos antes de 1679, mas todos aqui cresceram e moraram.

O pai e os filhos estiveram todos em Cuiabá. Miguel e Filipe, os mais novos, talvez nascidos aqui, foram depois da descoberta.

O velho cel. João Antunes Maciel foi, pelo menos, em 1728, pois os seus ossos foram trazidos pelos filhos a enterrar na matriz de Sorocaba.

O filho homônimo fazia parte da bandeira do descobrimento em 1718. Em 1723 era superintendente das minas a quem cabia receber os quintos. Em 1726 vinha para São Paulo chefiando a tropa ou monção de canoas, que trazia para a Fazenda Real quatro arrôbas e seiscentas oitavas de ouro. Em Camapuã, já o encontrou doente em 20 de agosto de 1726, o governador Rodrigo César de Meneses, falecendo pouco depois no rio Paraná. Seus ossos chegaram à matriz no ano seguinte, em 1727. Punha-se fogo à sepultura para apressar a decomposição.

Antônio Antunes Maciel estava com Pascoal Moreira e foi escolhido para vir trazer ao governador a bela notícia. Retornou à exploração de ouro e caça aos índios dos arredores. Em 1726 recebeu o governador rio abaixo de Cuiabá, com a aprovação do qual, no ano seguinte, atacou os índios parecís. Ainda voltou a Sorocaba e retornou à guerra dos paiaгуás. Depois de 1733 viveu em paz com a sua família perto da atual estação de Iperó (Rio Abaixo), com muitos escravos índios, até cerca de 1745.

Gabriel Antunes Maciel esteve no Cuiabá pelo menos no **rush** que seguiu a vinda de seu irmão. Formidável sertanista, geógrafo prático, êle sabia que da serra de Botucatú, fazenda jesuítica entre o Tietê e o Paranapanema, entre cujas barras no Paraná caíam o rio Pardo e outros pela direita, pelos quais se varava ao rio Paraguai, era possível um caminho por terra ao rio Grande, como se chamava o Paraná. Em 1721 ofereceu-se ao governador para fazê-lo. Pensava, porém, que não era muita a distância pois até 1755, ainda se acreditava que os rios da esquerda nasciam nos campos de Sorocaba, que compreendiam Botucatú. Ora as barras e volume de água sugeriam pequena distância para quem passava pelo rio Grande.

Não foi aceito, mas em 1723, a 3 de dezembro foi nomeado capitão-mor de Sorocaba. Em 1727, com Antônio e Filipe, atacou os parecís. Em 1728 com Gaspar de Godói Moreira, paulistano, descobriu o alto Paraguai Diamantino. Veio à terra. Nomeado segundo comandante ou cabo da expedição aos paiaгуás, pediu salvo-conduto para ir a São Paulo e não ser processado por dívidas. Morreu lutando, no rio Paraguai, em 1734.

Miguel Antunes Maciel era mais caseiro, pois em 1724, quando Sorocaba se desfalcava para o sertão, era juiz ordinário.

Não resistiu à tentação e partiu no ano seguinte, com o itua-no seu primo Antônio Antunes Lobo. Faleceu em sua canoa no rio Paraguai, lutando valentemente contra os paiaгуás.

Filipe Antunes Maciel, o mais nôvo, certamente sorocabano e também o mais pobre, em 1727 estava também caçando índios parecís!

Os Sutil de Oliveira todos eram sertanistas. Sebastião já era falecido em 1724. No ano anterior andou com frei Frutuoso por Araraquara.

Miguel Sutil de Oliveira, sorocabano segundo todos os cronistas, depois das lavras de Curitiba andou por Cuiabá. Tendo êle descoberto ouro no próprio lugar da atual cidade, perto da futura igreja do Rosário, para ali foi mudada a povoação, de sorte que Sorocaba é duplamente fundadora de Cuiabá.

Isto foi em 1722, e o herói do achado à flor da terra, o seu camarada Bardudo que andava “melando” — buscando mel. A crônica deu a quantidade lendária de 400 arrôbas! Ora, por causa da fome devida à falta de braços para a lavoura. Sutil retirou-se para o povoado no ano seguinte com cêrca de 400 mil réis isto é, 400 oitavas, e não arrôbas. Casou-se de nôvo e em 18 de agôsto de 1755 faleceu tão pobre que o seu entêrro não teve música, apesar de o pedir antes. Tinha cem anos diz o assentamento. Morava no Itanguá.

Tôda a gente fôra para Cuiabá em 1721. O próprio juiz ordinário não venceu o impacto. Largou a vara a um canto. O governador Rodrigo César escrevia à Câmara, ninguém respondia. Por fim Braz Mendes, antigo vereador assumiu a vara e respondeu: não ia a palácio porque não montava a cavalo, estava obeso. Não o estivesse, e teria ido para Cuiabá.

João Martins Claro, sargento-mor, genro de Fernão Pais de Barros chegara em 1695 e suas atividades não se estenderam à caça ao índio, lidando para achar ouro nas serras de Araraquara e em Ipanema. Mas mandou seus filhos Artur, afilhado que fôra de Artur César de Meneses em 1698 e Fernão, de 1700, irmãos que, residindo em Cuiabá, descobriram ouro no chamado Mato Grosso, em 1733. Daí veio o nome à capitania, província e estado, e Sorocaba selando o diploma final da fundação principiada no sul em 1684 e continuada no centro em 1718 e agora, 1733, na vertente amazônica.

Frei Frutuoso da Conceição, fluminense, beneditino, foi prior (presidente) de antes de 1695 a depois de 1723, construindo ou terminando de construir o convento e servindo de “técnico” nas pesquisas de minérios.

A descoberta das Gerais coincide com a abertura ou maior frequência da estrada de Curitiba. Nos primeiros anos do século XVIII o padre Guilherme Pompeu de Almeida banqueiro dos bandeirantes e seu fornecedor, mandou para Minas as primeiras boadas adquiridas em Curitiba por seu sócio Pedro Frazão de Brito. Alguns marchantes de São Paulo também adquiriam rezes em Curitiba, por sinal que a população não gostava da carne, pelo cansaço e magreza. Passavam também cavalos, que se vendiam até a 20 mil réis pela raridade em Minas, e que depois baratearam. Antes de São Paulo a última invernada boa eram os campos sorocabanos. Depois, zona de mato. Foi assim que teve início, como a aurora antes do sol, antes do final do bandeirismo, o tropeirismo sorocabano, que se vê tão bem associado no mesmo caminho do Paranapanema e de Curitiba.

Mas foi no comêço, gente de fora. Foi passagem.

Em 1732 a Câmara reclamou pelos estragos que as boiadas tinham há anos feito nos caminhos e ruas e especialmente na ponte, que lhe custava tão caros.

Nota-se a coincidência. Por 1703, aqui não se vende índio. Começa o cavalo.

O Governo não pôs registro no rio Sorocaba mas sim no Paranapanema, onde a passagem de gado e gêneros para os viajantes de e para Curitiba. Em ambos os rios, já antes de 1724, eram êstes os impostos: por pessoa 4 vinténs, por carga de negócio 2, por cabeça de boi, vaca e cavalo, 4.

*

Segundo o padre Manuel da Fonseca, **Vida do Padre Belchior de Pontes**, era de Santo Amaro o descobridor das minas do Paranapanema, Domingos Rodrigues Machado, casado com Maria Domingues de Lima. Miguel de Barros, morador em Sorocaba, descobriu ouro em 1717. Gabriel Antunes Maciel era superintendente das minas de Curitiba e parece ter enviado exploradores ao Paranapanema. Os viajantes bateavam onde passavam.

Na região estiveram João Martins Claro e frei Frutuoso. Nesse 1717 um dos descobridores, José de Goiás Morais, foi nomeado superintendente. Em 1724 estavam tão florescentes as minas de Paranapanema que foram instalados registros no rio dêsse nome e no de Itapetininga e já funcionavam. O arremontante dos impostos de passagens de pessoas e gado em

canoas vendeu o seu direito a Miguel Sutil de Oliveira e João Lopes da Cunha por 300\$000 e 110\$000.

Em meados de maio de 1728 o governador de São Paulo, Caldeira Pimentel, passou uns dias em Sorocaba distribuindo sesmarias no caminho do Paranapanema e de Curitiba. A sesmaria não se deve confundir com os pequenos lotes nos ribeiros auríferos, ao cuidado do superintendente. O governador ganhava taxas pelos papéis. Hospedou-se com o tte. cel. Bernardo Antunes. Apiaí deixou de ser arraial em 1735, quando se fêz o primeiro batizado, e em 1746 já era primeiro vigário de Paranapanema o padre Manuel de Lima Vergueiro. As duas freguesias continuavam a pertencer ao município de Sorocaba.

As minas de São José do Guapiara foram descobertas pelo índio Ciríaco, administrado dos Padres de São Bento de Sorocaba. José de Barros Lima, sorocabano e Salvador Nardy de Vasconcelos, ituano, intitularam-se descobridores. Barros Lima escreveu ao governador de São Paulo, Mascarenhas, e foi feito superintendente das minas do Paranapanema, em lugar de Tomás Antônio Pizarro de Araújo.

Na éra das bandeiras é quase certo que muitas delas desceram pelo Sorocaba junto à ponte e os Maciéis já teriam embarcado no Sarapú. Quando as bandeiras se transformaram nas monções de Pôrto Feliz, expedições fixas para negócio, também muitas saíram daqui, embora só haja documentação de duas que partiram quase juntas em 1727. Mesmo o capitão-mor Fernão Dias Falcão em 1723 aqui se proveu de gente, de gêneros e de escravos pretos, inclusive um barbeiro sangrador (algum mulato de partes), e, de certo partiu daqui. Era difícil transportar cargas no ombro de índios. Cavalos havia poucos. Talvez fizesse conta dar a volta pelo rio Sorocaba, que tinha só uma cachoeira, a Jequitaiá, onde Manuel Guedes lá por 1908, fundou uma usina elétrica para Tatuí. Outra razão é que iam rareando os paus grossos para canoas nas margens do Tietê, em Pôrto Feliz, de forma que, em 1780 as canoas eram feitas no Jurupará, muito acima da cidade de Sorocaba. Posta a carga na canoa, a gente descansa, enquanto não houver "varação".

*

João Antônio Cabral Camelo, negociante, português quase que evidentemente, saiu de Sorocaba em começos de 1727 com muitos carregamentos de negócio e alguns escravos aqui

comprados, desembarcando em Cuiabá em 21 de novembro de 1727. Ele já voltava em 1730 com o ouvidor Antônio Alvares Lanhas Peixoto. A 6 de junho foram atacados no rio Paraguai pelos paiaguás, em 50 canoas. O ouvidor foi morto. Os índios levaram o ouro dos quintos a trocar por bugigangas em Assunção. Cabral Camelo escapou e vivia em São João del Rei em 1734. Esta afronta apressou o episódio chamado pelos cronistas: Guerra dos paiaguás. Com os ituanos, muitos sorocabanos receberam patentes de oficiais e promessa de repartição da prêsa, por parte do governador Conde de Sarzedas. O caso da tropa, Gabriel Antunes Maciel, à frente do comandante principal, o português Manuel Rodrigues de Carvalho, e succumbiu, com muitos paulistas, lutando contra os paiaguás no rio Paraguai, em 1734. Não se sabe, o número de sorocabanos mortos, mas os brancos eram poucos, e os índios, muitos.

*

Já com a descoberta das minas aparecem os primeiros escravos africanos ou crioulos, tendo o Govêrno de Portugal dado licença aos paulistas para comprarem 300 por ano no mercado do Rio de Janeiro. Aparecem e desaparecem algumas dezenas, rumo do Cuiabá. Eram bons remadores, o que não quer dizer que não fôsem pilotos e artesãos. Um ou outro aparecia antes, mas o trabalho escravo e a mestiçagem era devida aos índios. Até os primeiros anos de 1700 em Sorocaba se falava também o tupí. Até cêrca de 1733, todavia, o trabalho das roças era feito pelos índios administrados, embora já nascidos aqui, e pelos mamelucos (palavra ainda usada até os meados do século XVIII).

O primeiro livro de batismo para escravos africanos, que existe é de 1739. No entanto, em 1709 “foi enterrado na matriz” um servo da casa de Braz Mendes Pais. Em 1721 foi enterrado

“um negro mina por nome Antônio, escravo de João Domingues do Prado. Os negros que o trouxeram não souberam dizer se confessou”.

Havia, pois, alguns escravos negros.

A igreja de Nossa Senhora da Ponte, doada a São Bento, e onde jaz Baltazar, serviu de matriz e é a mesma construída pelo fundador. O mosteiro foi edificado ao lado do Evangelho, com a porta principal logo pegada a igreja. Hoje, esta foi para o meio e os largos beirais foram substituídos por plati-

banda e calha. O soalho do segundo piso é o mesmo, idem as janelas sem vidros para o claustro.

Não só no inventário de Isabel de Proença (1655) mas nos assentos de óbitos de 1681 em diante aparece o templo com o nome de igreja e não capela Igreja, embora nem sempre litúrgicamente, era a que tinha arco-cruzeiro e capela-mor. Os assentos das sepulturas dos irmãos Pascoal e Jacinto Moreira Cabral falam na “capela-mor”. Logo mais aparece o altar lateral de Nossa Senhora do Pilar, que ainda existe. A imagem desta, que recebeu o primeiro ouro de Goiás, andava extraviada, mas conseguimos adquirí-la e a entregamos ao Reverendo Prior Dom Tadeu Strunck. Conseguimos, mediante assentamentos de óbito e deduções certas, concluir que os Correia, que deram o altar em cujas proximidades foram enterrados, eram originários de São Paulo e Santo Amaro, entrelaçados com os Passos e Domingues, que descobriram as minas do Serro Frio, onde persevera o morro do Pilar, que contende com o Ipanema na prioridade do ferro nacional industrializado.

A titular da igreja é Santa Ana, linda imagem.

O povo conhece mais a igreja de São Bento, por amor do convento anexo, mas todos os óbitos de pessoas lá enterradas, desde 1683, falam por letra dos vigários, São Bento. Não se pode saber em que ano chegou a imagem de Santa Ana, uma vez que mesmo os padres não mudaram a escrituração. Em 1713 a titular era Nossa Senhora da Visitação.

Em 1667 os Padres, que eram dois, às vêzes três, moravam numa casa perto da sacristia, requereram à Câmara contra as datas de terra que ela fazia no patrimônio dêles. O Provincial em visita, frei Francisco da Visitação, e frei Anselmo Batista, aqui residente desde 1660, vindo de Parnaíba, receberam como doação da Câmara uns pastos a começar na cruz de Nossa Senhora da Ponte, igreja que lhes pertencia e um capão de mato na outra banda do Supirirí. Em compensação o Provincial prometeu, se construíssem o mosteiro ou se o abandonassem, entregar as esmolos colhidas entre o povo para a sacristia e fábrica (despêsas) da igreja e construção do convento e, acabado êste, com quatro ou cinco celas prontas, enviar um monge para ensinar o cantochão e outro, o latim, a todos os filhos dos moradores que quisessem. Era uma espécie de seminário menor porque só existia a carreira do sacerdócio, mas obrigatòriamente ensinavam ou melhoravam as primeiras letras.

Em 1678 foi nomeado o primeiro vigário de Sorocaba, pelo menos o primeiro de que ficou notícia e a igreja do futuro convento deixou de ser de Nossa Senhora da Ponte.

Os Padres começaram a construir as celas e a melhorar a igreja. Em 1695 frei Frutuoso da Conceição com dois padres, frei Leandro do Calvário e frei Antônio de Santa Maria já moravam na parte que o primeiro conseguiu terminar. Nova visita do Provincial coincidiu com o estrago promovido pela Câmara no patrimônio. Ele resolveu que os três padres abandonassem igreja e convento; as terras e as 34 almas (índios administrados) e as entregassem a depósito ao juiz de órfãos. Era Braz Domingues Vidigal que, ao receber a 8 de abril a comunicação, imediatamente fez redigir pelo escrivão Gregório de la Penha uma intimação a frei Frutuoso, para que não saíssem. Como juiz ordinário, fez passar um bando pelas ruas, a toque de caixa, que sob pena de multa de quatro mil réis e quarenta dias de cadeia, ninguém emprestasse cavalos ou ajudasse os padres na viagem.

Foi um alvoroço no lugarejo. Trinta e seis “homens bens” que tinham sido vereadores e juizes, bateram à porta do Procurador, para que convocasse o povo — o zé povinho que não assinava nem votava —, mas seguia os “nobres” — a irem a São Bento armados!

— “Meu Deus! — se fôr assim, temos excomunhão pela certa! Não, não convocarei o povo”.

Então foram ao juiz ordinário, André Domingues Vidigal, para que convocasse vereadores e povo. Era o capitão Miguel Garcia Lumbria, chefe militar das ordenanças. É como o pai dêste, capitão-mor Martim Garcia Lumbria, da capitania de Martim Afonso sediada em Itanhaém, estivesse presente, levaram-no e um soldado tocando a caixa surda. Alguém lembrou que excomunhão não era brinquedo, e buscassem o vigário. O padre Antônio Carvalho acedeu. Aí o juiz Vidigal cedeu, mas fazendo um auto pelo escrivão, para livrar-se de futuras responsabilidades perante a Igreja e o Rei.

Com isto fez-se noite, os Padres já se achavam recolhidos e assustaram-se com a bulha e as pancadas. Desceram, compreende-se, à pressa, e abriram.

— Que quereis? perguntaram.

— Matar-vos, se persistirdes em abandonar-nos.

— Não é preciso isso, não iremos mais.

— Então jurai!

— Pelo nosso santo patriarca São Bento!

O diálogo resumido foi dirigido pelo juiz e o capitão-mor, e, enfim, pelo próprio vigário Carvalho, que ameaçou “despresar a sua paróquia”, isto é, ir-se também, se os monjes deixassem Sorocaba. E tudo acabou em paz, localmente, mas o Visitador dêles era teimoso e não cedeu. Em julho appareceu em visita pastoral o Visitador Eclesiástico, da parte do Prelado do Rio, e concordou com a saída, talvez absolvendo-os do juramento dado em tão críticas circunstâncias, com as armas aos peitos. Não se sabe como saíram, mas voltaram logo.

Em 1706 outro capitão-mor presente em Câmara concordou em que esta tome ao convento o mato de Supirirí e invadiram de nôvo a doação de Baltazar junto ao rio Sorocaba, formando assim o rocio da vila, para aforar. Sob pretexto de que os Padres não tinham dado as aulas do contrato, e às vêzes ficava um só dêles feitorizando a lavoura, enquanto o hospício, térmo que indica conventinho, não progredia. Estava, pois, incompleto.

Mas isto era repetição de um ato da Câmara de 1687 e a de 1688 repusera os Padres na posse. Já agora, o presidente (prior) frei Antônio de Santa Maria, vai à alçada superior, e obtém do desembargador João Saraiva de Carvalho, em Santos, a 1.º de março de 1709 a anulação do ato da Câmara que, pelo costume do tempo, foi ao Supirirí (praça da Bandeira, hoje) dar a posse ao nosso monge, que jogou terra ao ar, quebrou um ramo e gritou:

“Tomo posse das terras da Religião (Ordem) de São Bento haja quem me venha ao contrário!”

Ninguém lhe foi. Era a 13 de julho de 1709.

O povo é que glozava. Fôro aos Padres convinha-lhe mais. Era o capão de mato e o campo contíguo, todo o vale esquerdo do Supirirí até a atual avenida Ademar de Barros.

Mas a Câmara continuou a desconhecer os direitos do mosteiro, recebendo as reclamações dos presidentes frei Pedro de Jesus Maria em 1713, que dois anos depois, aproveitando a presença do Ouvidor e Corregedor Simão de Toledo Piza, obteve nova vitória. Êste juiz não era bacharel. Disse que o convento podia até vender as terras. E não era êsse o espírito da doação, feita para povoar e não para vender a homens ricos.

Frei Frutuoso, que saira, tornou e ficou por aqui, terminando a obra do convento, mas no fim do século havia reformas na igreja.

Em 1728, a 2 de julho, realizou-se entre o Convento e a Câmara uma composição, desanuviando-se os horizontes. Uma reclamação dos Padres a 3 de fevereiro fôra para o limbo. Aproveitavam nova presença de um ouvidor na Câmara em correição, o desembargador Francisco Galvão da Fonseca e se compuseram: do cunhal a nascente do mosteiro, uma linha se tirava até a santa cruz (a primeira que houve) e daí em ângulo para a olaria de Pedro Domingues (avenida Com. Pereira Inácio) até o ribeirão do Moinho (hoje Lajeado) e pelo ribeirão abaixo até o rio. Tudo o que ficasse à direita era do convento, à esquerda, da Câmara. Outra linha, do cercado do convento, a ocidente, ia procurar a estrada do Paranapanema (rua da Penha, que não chegava até o alto). A esquerda, do convento, à direita, da Câmara.

O mato do Supirirí ficava para a vila. Os moradores podiam tirar lenha para o seu fogo nos matos dos Padres.

Quando as aulas prometidas é certo que foram começadas em algum ano anterior a 1728 e continuaram até 1805, sendo o último professor frei Vicente Ferreira do Rosário. Os homens brancos eram alfabetizados por mestres particulares. Suas mulheres, os índios e escravos não aprendiam a ler.

De 1679 em diante a matriz de Nossa Senhora da Ponte teve vigário (documentado) e talvez antes. Tinha capela-mor com retábulo sem dourar, soalho e fôrro, sacristia forrada e assoalhada, na qual se viam uma tela de São Pedro com as chaves e uma de São Domingos ou do Rosário, que saía no primeiro domingo do mês à rua com o povo cantando o têrço. Encostados à parede do arco cruzeiro se viam os altares laterais do Rosário e de São Miguel.

Nas paredes laterais, cêrca de 1700 o altar da Conceição com arco embutido, em 1727 o de Santa Rita, feito por 50 mil réis por Bernardo Antunes Rolim de Moura para o vigário pe. Pedro Domingues Pais, sorocabano, e que o financiou. Bancos com as pernas enterradas no chão sem assoalho. Telha vã. Pia de batizar. Côro alto junto à porta principal. Duas portas travessas. Sineira e não torre, talvez no frontispício. No adro enterravam-se escravos. Dentro, os de mais recursos. No presbitério, o clero. Sob o arco e logo abaixo, os importantes, como os Maciéis. De São Bento era o outro jazigo.

Havia festas de Nossa Senhora da Ponte, do Divino e Semana Santa. Em 1689 houve música e o festeiro foi o bandeirante Tomás Moreira Cabral. Nos enterros também. Música do mestre-de-capela, isto é, a música instrumental e de canto era

só para a igreja. Podendo, o mestre-de-capela fazia cantar e acompanhar três mementos (nome popular do **Libera me**) na rua, antes da sepultura. Não havia lage nem letreiro. Socava-se a terra para igualar o solo. As irmandades tinham “tumba” própria, isto é, esquife aberto e o defunto, revestido de sua opa ou dos hábitos de São Bento, do Carmo e de São Francisco, descia à cova sem caixão. Da roça o morto vinha em rêde. Só pelo fim do século aparece o caixão próprio para alguns. A cêra (vela) da terra alternava com a do Reino, nas cerimônias.

A igreja de Santo Antônio primitiva foi fundada no alto da rua da Penha por Antônio Ribeiro Garcia cêrca de 1690 e tinha sacristia atrás do altar; sem arco cruzeiro; um arco de tribuna; havia o altar lateral a São Vicente Ferreira (imagem depositada hoje no Seminário). A irmandade tinha compromisso aprovado por Dom frei Guadalupe, bispo do Rio e a Capela era sem ferro e sem ladrilho.

A capela de Nossa Senhora del Pópulo foi fundada cêrca de 1679 pelo primeiro Pascoal Moreira Cabral na sua fazenda de Itapeva. Tinha um patrimônio pequeno em terras e índios, proibidos êstes de serem enviados a caçar outros. Havia cemitério contíguo e dentro. Hoje há só as ruínas de um metro de alto e as imagens lindas estão guardadas num quarto na propriedade da S. A. Votorantim.

A capela da Conceição do Rio Abaixo (outro lado do Araçoiaba) teve provisão em 7 de janeiro de 1721. Construída pelo fazendeiro Francisco Pais de Almeida. Havia os altares laterais a Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião.

(Continua).

ALUÍSIO DE ALMEIDA

Do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.